



Declaração do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião sobre mecanismos financeiros inovadores

Nova Iorque-EUA, 24 de setembro de 2008

Obs.: Em função de problemas técnicos no áudio, há várias palavras inaudíveis. Tão logo o problema seja solucionado, publicaremos o áudio.

Há quase uma década, a comunidade internacional assumiu um compromisso irrevogável. Adotamos as Metas do Milênio, na certeza de que era possível banir definitivamente as duas maiores mazelas que afligem a humanidade: a fome e a pobreza extrema.

Foi com essa mesma convicção que, há quatro anos, lançamos a Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. Sabíamos que os recursos necessários são relativamente pequenos. Por isso, identificamos mecanismos de financiamento inovadores para ajudar a viabilizar esse esforço coletivo.

Algumas propostas, como a Unitaid, já estão em funcionamento, ajudando a financiar a erradicação de pandemias em países pobres. Não temos, no entanto, motivos para nos acomodar. Estamos longe de garantir que todos os países alcancem os alvos estabelecidos para as Metas do Milênio, para 2015. Continuamos a viver uma calamidade humanitária: mais de 925 milhões de pessoas em todo o mundo continuam sem ter o que comer.

E o que é mais grave: estamos avançando a passos muito lentos, e com isso corremos o risco de retrocessos. Uma nova frente de batalha na guerra contra a fome foi aberta com a forte elevação dos preços dos alimentos. Precisamos agir rapidamente para colocar o processo de volta nos trilhos e colocar, como diria, o pé no acelerador.



Estamos diante do imperativo de encontrar soluções de caráter estrutural a desafios que dizem respeito a todos nós. Para elevar a produção de alimentos nos países pobres, precisamos de mais crédito, de mais capacidade técnica e de infra-estrutura adequada de transporte e comercialização.

O debate sobre mecanismos inovadores de financiamento, é verdade, evoluiu. O tema deixou de ser tabu. Opções existem, na forma de taxação de fluxos financeiros globais, facilitação de remessas e loterias globais. As necessidades são cada vez maiores. Precisamos, com urgência, mobilizar recursos adicionais, de maneira estável e previsível.

É nesse espírito que, juntamente com a presidente Bachelet, o presidente Zapatero e o Ministro das Relações Exteriores da França, pedimos ao Secretário-Geral que circule esse documento que vamos assinar para que outros chefes de Estado, membros (inaudível) tenham conhecimento. Na realidade, é um apelo para que a comunidade internacional continue engajada na busca de mecanismos que gerem recursos novos e adicionais, em benefício de todos os que passam fome no mundo.

Querida Michelle,

Querido Zapatero,

Querido (inaudível),

Ontem, tive a oportunidade de falar com o Secretário-Geral das Nações Unidas. E o que queremos, que transforma esse debate (inaudível) internacional, em um debate que a ONU chamasse para si a responsabilidade de convocar reuniões, através (inaudível), fazendo um debate muito sério e muito pertinente sobre a crise financeira que o mundo está atravessando, sobretudo nos países (inaudível). Que chamasse o FMI, que chamasse o Banco Mundial, e que os levasse a discutir não apenas as causas, mas os efeitos dessa crise no chamado mundo desenvolvido, mundo em desenvolvimento e nos países pobres.



(inaudível) que toda a década de 80 e toda a década de 90, os países pobres e os países em desenvolvimento foram praticamente impedidos de se desenvolver (inaudível). Todos estavam muito (inaudível). Naquela época, as organizações internacionais de financiamento, o FMI, tinha solução para todos (inaudível), visitava todos os países pobres com delegações, tinha ingerência na elaboração do orçamento de cada país, determinava quanto cada país tinha que (inaudível), determinava quanto cada país teria que gastar.

Agora, recentemente, fui ao Congo. E, no Congo, o presidente queria fazer uma grande estrada e o FMI não permitia que fizesse a estrada, porque tinha que saldar o seu débito (inaudível).

Pois bem, onde estão esses senhores que até ontem faziam isso? Onde estão os bancos que todo dia faziam avaliação dos riscos (inaudível) ...para provar que (inaudível) o Brasil em dia, para ver se a gente conseguia recuperar. Cada vez que ligo o computador, o risco-Brasil (inaudível) e o risco americano está estável, se são exatamente os Estados Unidos que estão colocando em risco a economia dos outros países. Mas apenas os riscos dos países emergentes é que aparecem na televisão.

Então, vejam que engraçado, porque o Brasil que apenas devia (inaudível) anos atrás, hoje tem investimentos de 30%, tem reservas de 210 bilhões de dólares, crescem as exportações, cresce o mercado interno, e mesmo assim ainda aparece como país de risco, a cada vez que tem um problema na economia (inaudível).

(inaudível) perdeu 1 bilhão e 700 milhões de dólares de dívidas que os países mais pobres tinham com o Brasil, da Bolívia a Moçambique.

Propusemos aqui, na própria sede da ONU, que a gente pudesse fazer uma taxa sobre o fluxo financeiro dos países (inaudível), falamos ao covil dos lobos (inaudível). Propusemos que pudéssemos cobrar uma taxa sobre o comércio de armas, e também falamos ao covil dos lobos (inaudível).



Penso que agora nós chegamos à seguinte conclusão: está acontecendo com o mundo rico aquilo que parecia que só acontecia com o mundo pobre. Não achamos justo, depois de Chile, Brasil e todos os países pobres terem feito o sacrifício imenso que fizeram... foi praticamente uma década e meia perdida, porque as nossas economias não cresciam, em que não gerávamos emprego, e agora que conseguimos arrumar a casa, os cidadãos que transformaram o mercado financeiro num cassino, que quiseram ganhar dinheiro em curto prazo sem fazer investimento correto, nos apresentam uma conta. Todos vamos ter que pagar, porque se o mundo desenvolvido entra em recessão, certamente isso vai ter sintomas nos países pobres.

Eu tinha feito um apelo para que o governo americano agisse rapidamente no combate à sua crise. Houve uma iniciativa, na última sexta-feira, que me parece um bom começo. Mas o problema é que os Estados Unidos estão em eleição. Em época de eleição sempre é muito difícil tomar qualquer decisão.

O que nós precisamos é provocar o debate, fazer com que o problema dessa crise não fique restrito apenas ao debate entre os economistas, que os políticos entrem nessa discussão, que os bancos centrais reunidos em Basiléia tomem decisões de controlar o funcionamento desses bancos de investimentos.

No Brasil, que é um país pobre, um banco de investimento só pode financiar até 10 vezes o capital declarado. Se ele tiver 1 bilhão de capital, só pode financiar 10 bilhões. Aqui nos Estados Unidos não tem limite, se ele tem 1 bilhão pode financiar 35 vezes a mais. E o que acontece? Quando tem um problema não tem dinheiro para cobrir o prejuízo. E, aí, o mundo vai ter que arcar com uma crise, depois de tanto sacrifício, depois de tanta ilusão, depois de tanto assumirmos o compromisso de cumprir as Metas do Milênio.



No Brasil, fizemos a lição de casa. No Brasil conseguimos, em cinco anos, tirar 9 milhões e meio de pessoas da linha de pobreza absoluta. No Brasil conseguimos fazer com que 20 milhões de pobres ascendessem à classe média. E no Brasil temos uma forte política social. Nós aprendemos que cuidar do pobre é mais barato e custa muito menos do que utilizar finanças públicas para cuidar dos ricos.

O que está acontecendo agora vai dificultar ainda mais a gente cumprir as Metas do Milênio, vai dificultar ainda mais os países mais pobres do mundo cumprirem parte dos compromissos assumidos para as Metas do Milênio. E o que é mais grave é que os países que tinham se proposto a dar recursos para combater a miséria, com as suas próprias crises não vão conseguir dar os recursos necessários.

Eu penso, meus amigos e minhas amigas, que precisaríamos ter ousadia em provocar as Nações Unidas para promover esse debate. Confesso a vocês que pensei que esse seria o grande tema dessa reunião da Assembleia Geral da ONU. Até imaginei que o meu amigo presidente Bush fosse falar desse assunto com muito mais ênfase, mas não aconteceu, vai ficar para uma outra oportunidade.

Só espero que nós, que temos compromisso com o projeto para diminuir a fome no mundo continuemos com a mesma força, com a mesma vontade de não deixar esse assunto cair no esquecimento, porque o que eu estou prevendo é que se os países ricos não tomarem as medidas necessárias, essa crise vai ter sintomas nos países pobres.

Eu tinha feito um apelo para que o governo americano agisse rapidamente no combate à sua crise. Houve uma iniciativa, na última sexta-feira, que me parece (inaudível). E temos que tomar a decisão enquanto dirigentes, o sistema financeiro tem que ser controlado. Não é possível as pessoas viverem de vender papéis e mais papéis, sem que essa venda de papéis gere um único emprego, gere uma única distribuição de renda.



É aquilo que disse ontem, no meu discurso: na hora de privatizar o lucro, apenas o banco ganha. Na hora que tem prejuízo, vamos socializá-lo e vamos reparti-lo com a humanidade, que nem sabia o que estava acontecendo.

Por isso, acho importante esse apelo ao secretário-geral Ban Ki-moon. Por isso é que defendemos com tanta força a renovação das estruturas das Nações Unidas, porque não podemos mais ficar tratando coisas do século XXI com os mesmos instrumentos que a gente cuidava no século XX.

Por isso, a minha alegria de participar desta reunião outra vez, companheiro Zapatero, companheira Bachelet. E dizer que estamos tentando cumprir a nossa parte no Brasil. Se cada país fizer a sua parte, o conjunto da obra será um resultado muito mais produtivo do que fizemos até agora.

Vou terminar com uma frase. Eu aprendi, nesses cinco anos, aprendi com cinco anos de governo que não tem nada mais fácil, mais econômico, mais barato do que cuidar do pobre. Se cada um colocar como prioridade, fica muito mais fácil resolvermos esse problema.

Obrigado.

(\$211B)